

Σ SIGMA

Revista Eletrônica do Instituto de Ensino Superior do Amapá

LENDAS DA AMAZÔNIA TRANSFRONTEIRIÇA: UMA PONTE LITERÁRIA ENTRE O BRASIL E A GUIANA FRANCESA

LÉGENDES DE L'AMAZONIE TRANSFRONTALIÈRE : UN PONT LITTÉRAIRE ENTRE LE BRÉSIL ET LA GUYANE FRANÇAISE

Thiago Azevedo Sá de Oliveira 
Carine Silva dos Santos 
Sandro Figueiredo Borges 

RESUMO

Esta pesquisa busca interpretar duas lendas originadas em território amazônico de fronteira, situado entre o Brasil e a Guiana Francesa, de modo a assimilar o trânsito cultural presente em narrativas que captam a vivência transfronteiriça da região. Assume-se como termo basilar a referência feita à discussão acerca do conceito de Hibridismo cultural (BHABHA, 2001; CANCLINI, 2006). A título de fundamentação teórica, ressalta-se a relevância de Câmara Cascudo (2002; 2006; 2012) sobre o folclore e a literatura oral; de Marcio Souza (2021), em face do destaque que confia à história de formação da Amazônia; e de Paes Loureiro (2002; 2015), a quem se atribui a designação do que conduz a chamar de "cultura amazônica". O artigo tece uma abordagem de literatura oral e da formação cultural da Amazônia mediante interpretação da lenda brasileira Curupira, e da lenda guianense, Maskilili, a partir da leitura interpretativa dos contos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Amazônica. Hibridismo cultural. Lendas Amazônicas.

RESUMÉ

Cette recherche vise à interpréter deux légendes originaires du territoire frontalier amazonien, situé entre le Brésil et la Guyane française, afin d'assimiler le transit culturel présent dans des récits qui captent l'expérience transfrontalière de la région. On suppose comme terme de base la référence faite à la discussion sur le concept d'hybridité culturelle (BHABHA, 2001; CANCLINI, 2006). Comme base théorique, est mise en évidence la pertinence de Câmara Cascudo (2002; 2006; 2012) sur le folklore et la littérature orale, de Marcio Souza (2021) compte tenu de l'importance qu'il accorde à l'histoire de la formation de l'Amazonie, et de Paes Loureiro (2002; 2015), à qui l'on attribue la construction du concept de "culture amazonienne". L'article tisse une approche de la littérature orale et de la formation culturelle de l'Amazonie à travers l'interprétation de la légende brésilienne Curupira, et de la légende guyanaise, Maskilili, à partir de la lecture interprétative des contes.

MOTS-CLÉS: Culture Amazonienne. L'hybridité culturelle. Légendes Amazoniennes.

INTRODUÇÃO

“Inferno verde”, “Paraíso perdido”; essas são algumas das expressões atribuídas à Amazônia por escritores como Alberto Rangel (1871-1945) e Euclides da Cunha (1866-1909), considerados pela crítica literária intérpretes importantes da cultura dos povos da floresta brasileira. Os referidos escritores não nasceram na região para a qual ergueram nas trincheiras da alteridade a imagem e (in)verossimilhança para o lugar que, ainda na contemporaneidade, busca ter sua identidade cultural e histórica reconhecida pelos “que chegam de fora” e por seus habitantes nativos.

Este artigo pretende investigar traços de hibridismo cultural presentes na literatura de tradição oral da região amazônica transfronteiriça, sendo a topografia cultural e geográfica situada entre o Brasil e a Guiana Francesa. Para tanto, será tomado como referência a discussão do hibridismo cultural, uma vez ciente de que “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2006, p. 19), sendo exemplo disso a dinâmica localizada nas lendas amazônicas igualmente novas, geradas a partir do trânsito cultural de formas antes separadas. Colocar-se-á, portanto, lado a lado o estudo de lendas tradicionais oriundas do folclore brasileiro, a saber, de o Curupira, que dialoga com a lenda Maskilili, da Guiana Francesa.

As lendas aqui evidenciadas serão interpretadas a partir de arcabouço teórico fornecido pelos estudos culturais acerca da tradição oral, com destaque para a contribuição trazida por Câmara Cascudo (1898-1986), por meio da leitura de *Literatura oral* (2006) e *Dicionário do folclore brasileiro* (2012). Serão acolhidas as reflexões de Marcio Gonçalves Bentes de Souza (1946), por meio das quais se indicou breve panorama da ocupação geográfica das terras amazônicas de fronteira, com o propósito de situar a identidade da região.

A pesquisa se propõe a discutir de que forma a literatura oral pode apresentar aspectos que delineiam a presença do hibridismo cultural em lendas provenientes das regiões de fronteira, em que pese a confirmação de diferenças

linguística e culturais inerentes ao *entre-lugar*¹ fronteiriço. Para isso, serão avaliadas duas hipóteses: 1- de que modo os personagens folclóricos das referidas lendas amazônicas expressam características culturais semelhantes nas narrativas orais brasileiras e guianenses, apesar das diferenças linguísticas partilhadas pelos países de origem; 2 – como a vivência da região amazônica influencia a tradição oral, de modo a sobrepor as barreiras da língua em proveito da criação de um imaginário amazônico transfronteiriço.

Levando-se em conta a singularidade histórica, linguística e cultural da região de fronteira, e considerando o trânsito de narrativas orais diferenciadas pelo uso de línguas distintas, este artigo visa contribuir para a reflexão sobre o hibridismo cultural envolvido no estudo da literatura oral da região de fronteira. Ressalta-se que, embora sejam localizados contrastes culturais e linguísticos, o compartilhamento de diferenças históricas e geográficas contribui para despertar o interesse pela compreensão das lendas amazônicas, brasileira e guianense.

1 CONSTRUÇÃO CULTURAL, DIVERSIDADE E SIMILARIDADE NA AMAZÔNIA TRANSFRONTEIRIÇA

Os seres amazônicos que povoam o imaginário popular deram origem a lendas que narram acontecimentos fantásticos para explicar o inexplicável e fazem parte do folclore amazônico. Vale lembrar que as lendas oriundas do folclore, apesar da essência indígena das narrativas não compõem o acervo de literatura indígena. Thiél (2012) explica que a literatura indígena foi construída ao longo dos séculos por representantes de nações indígenas enquanto uma representação etnocêntrica do índio era construída por autores ocidentais.

Luiz da Câmara Cascudo, na obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (2012) define folclore como “cultura popular tornada normativa pela tradição, compreende técnicas e processos utilitários que se valorizam numa ampliação emocional, além do ângulo do funcionamento racional” (CASCUDO, 2012).

¹ Nas palavras de Bhabha (2001, p. 20), “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses ‘entre-lugares’ fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade”.

Assim, o autor aponta que o folclore está diretamente ligado à tradição de um povo através da interpretação e do entendimento coletivo. Cada povo constrói o seu imaginário dentro de padrões que podem se modelar ao longo do tempo e é sensível ao seu ambiente. Portanto, o ambiente amazônico em geral pode ter influência no folclore, moldando-o dentro de suas especificidades. Esse autor também formula o conceito de lenda:

Episódios heroicos ou sentimentais, com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral e popular, localizável no espaço e no tempo. De origem letrada, lenda, legenda, "legere" possui características de fixação geográfica e pequena deformação e conserva-se as quatro características do conto popular: antiguidade, persistência, anonimato e oralidade. As lendas têm como função básica historiar ou explicar fatos como a origem das coisas, fenômenos naturais, figuras sobrenaturais, as lendas fazem parte da vida social das pessoas. Toda narrativa é um fato histórico e se amplia e se transforma decorrente ao tempo e surgem novas lendas, porque o homem é o fator determinante na produção da cultura e do repasse podendo ser de maneira oral ou escrita (CASCUDO, 2012, p. 396).

O folclore tem origem na cultura popular e dá forma para as lendas a partir do elemento maravilhoso. Cascudo (2012) diz que a lenda tem como função básica historiar ou explicar fatos como a origem das coisas, e possui características de formação geográfica e pequena deformação. Assim, tendo em consideração a aproximação geográfica de Brasil e Guiana Francesa na floresta amazônica, as similaridades da construção histórica e do bioma, surgem lendas que possuem semelhanças, com pequena deformação, ainda que a língua de propagação da narrativa e a cultura sejam diferentes, como podemos analisar nas lendas de o Curupira, do Brasil, e Maskilili, da Guiana Francesa.

Ao discorrer sobre a cultura da região amazônica, principalmente em regiões de fronteira, é necessário esclarecer que o homem amazônico se originou muito antes das demarcações geográficas e políticas conhecidas atualmente. Antes das grandes expedições, dos aventureiros e dos relatos colhidos e divulgados pelos colonos, a região possuía uma cultura baseada em suas próprias vivências e necessidades.

Marcio Souza, no livro *História da Amazônia* (2021), salienta que é importante definir a Amazônia sem se restringir às fronteiras geopolíticas na pesquisa da sua história, e que, apesar dos poucos estudos, a teoria mais aceita sobre os primeiros homens na região é de que grupos nômades vindos da Ásia

chegaram a cerca de 24 mil anos atrás. Assim, os Europeus não encontraram uma terra sem dono, sem identidade, sem cultura e primitiva. Segundo Souza (2021), os povos da Amazônia desenvolveram um padrão cultural único:

Foi durante os milênios que antecederam a chegada dos europeus que os povos da Amazônia desenvolveram o padrão cultural denominado de cultura da selva tropical. A Amazônia, bem como indicam os artefatos arqueológicos encontrados na região, nunca foi habitada por outra cultura que não essa (SOUZA, 2021, p. 47).

Com a chegada dos europeus vieram também a colonização e a devastação cultural. Franceses, holandeses, ingleses e portugueses dominaram a região depois de anos de disputa e jogadas políticas. Assim, a Amazônia tem suas fronteiras definidas “a oeste do oceano Atlântico, a leste dos Andes, ao sul dos escudos das Guianas e ao norte do planalto central brasileiro” (SOUZA, 2021, p. 29).

As delimitações geopolíticas da região amazônica atualmente deram origem a uma diversidade linguística complexa. Petter (2019, p. 9) afirma que “a Amazônia é o palco mais eloquente do plurilinguismo brasileiro, pois ali convivem línguas indígenas, línguas das fronteiras e línguas de imigrantes”. Essa particularidade, para Ribeiro (2019, p. 17) “pode dar origem a diversos fenômenos, principalmente em regiões de fronteira: o bilinguismo, a transferência, a interferência e a interlíngua”.

Santos e Silva (2019) explicam que, na terra indígena do Uaçá, na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, precisamente onde está localizado o estado do Amapá, o Kheuól (ou Patuá), língua crioula de base francesa, fora a língua franca utilizada entre as comunidades indígenas até a chegada do Português no séc. XX. O Kheuól trata-se de uma língua crioula nascida em contexto de exploração dos franceses da região, e é fruto do contato entre povos que precisavam se comunicar e, para isso, criaram ao longo do tempo uma linguagem em comum (SANTOS; SILVA, 2019). Essa construção linguística assevera exemplo de como as culturas em fronteiras driblam as barreiras idiomáticas construídas ao longo de séculos de colonização na região situada entre Brasil e a Guiana Francesa.

As pesquisas atuais tratam da Amazônia atentando-se para a historicidade dos povos indígenas e trazem à tona as lendas e as narrativas orais. Essas

narrativas mostram que, enquanto o homem ocidental buscou respostas pra o inexplicável e para sua própria existência na religião, o indígena também buscava sentido e valor para sua existência e encontrava respostas de acordo com suas vivências e passava esse conhecimento adiante através da oralidade. Surge, assim, o *Mito da Criação*, por meio do qual, elementos da floresta, a exemplo das árvores, pedras, rios e outros instrumentos da natureza amazônica, são tratados como sagrados, pensantes e ativos, de modo a cooperarem para a construção da mística amazônica.

Durante a colonização a região da Amazônia brasileira teve seu universo pluricultural e mítico ofuscado pela cultura cristã catequética e pela violência lançada pela Igreja ante a contraposição de valores considerados “pagãos”. As crenças da comunidade nativa foram tratadas como primitivas e transformadas em narrativas fantásticas, tiradas da oralidade e transformadas em literatura recreativa. A construção cultural desta região aconteceu em meio a divisões geográficas e dominação exploratória, levando cada região a desenvolver costumes, tradições e narrativas distintas, mas ainda assim, semelhantes. Por esse motivo, diz-se que os mitos e as lendas dos atuais povos indígenas ainda guardam certas lembranças de um passado que se perdeu na voragem das conquistas (SOUZA, 2021).

Desta forma, considerando que a cultura não pode se dissociar dos aspectos históricos e a dimensão gigantesca da região amazônica visto sob uma ótica global é possível identificar na tradição oral e no folclore elementos em comum oriundos da natureza e da selva amazônica. Seja por resultado de hibridismo cultural causado por proximidade, seja por uma questão ancestral, enraizada na formação original desses povos, as lendas aqui destacadas possuem semelhanças, ainda que fabuladas a partir da cultura inerente às línguas distintas de sua origem, como se poderá perceber adiante.

2 CURUPIRA BRASILEIRO E MASKILILI/FRANCO-GUIANENSE

Os seres fantásticos na Amazônia fazem parte da cultura do imaginário popular. Para Cascudo (2012) as lendas conservam quatro características do conto popular, a antiguidade, a persistência, o anonimato e oralidade. Para esse autor, o processo de transmissão de uma lenda é o mesmo que acontece com a

literatura oral. Dessa forma, a lenda transcende o tempo e o espaço e se modifica conforme a necessidade discursiva de cada região.

No Brasil, a lenda do *Curupira* é contada em várias partes do país. Segundo Cascudo (2012), uma das primeiras menções ao seu nome data de 1560, pelo Padre José de Anchieta que o definiu como um demônio visto como responsável por ferimentos, mortes e desaparecimentos. A ele também foram atribuídas façanhas de encantamento que resultavam em confusão, esquecimento, pavores súbitos e todo tipo de acontecimentos inexplicável.

Outras vezes, o Curupira é tratado como bom-diabo e protetor das matas, mas que ajuda os homens nas caçadas. Suas características físicas se assemelham a de um doende e um dos seus traços mais marcantes são os pés virados para trás. O Curupira possui um grito estridente e é capaz de ficar invisível para pregar suas peças. Segundo Cascudo (2002), para livrar-se do Curupira é preciso fazer uma espécie de círculo com nó em um cipó e jogá-lo para trás. O curupira vai se enterter desamarrando o nó, dando oportunidade para sua vítima fugir.

Inácio de Oliveira (2015), narra uma aventura do Curupira em um compilado de histórias na antologia, *Seres Amazônicos*, organização de Maurício Coelho (2015), com o título "A Fuga do Curupira":

Ele, baixo, um metro e trinta, cabelos avermelhados, levemente envelhecido; caminha cuidadosamente pela encosta do rio. Seus pés virados para trás deixam marcas de quem está voltando, mas ele sabe que seu caminho é sem volta. A floresta deixou de existir rio acima de onde ele viera e torna-se cada vez mais esparsa por onde ele avança. Aqui as terras se elevam, ele faz um grande esforço para escalar o barranco e seguir em frente. Parece cansado e triste, tem a expressão abandonada de um anão de jardim. Suas mãos pequenas e rudes afastam da sua vista os ramos que pendem das altas árvores; ele mira vagarosamente a imensidão que se alterna entre verde e cinza, clareira e floresta. Um cão late, distante, muito distante. Ele não gosta de cães, esse animal indigno que serve aos homens. Sabe que os homens estão próximos, é possível sentir o cheiro e ouvir o barulho das máquinas ao longe. Desde quando a floresta começou a ser destruída, ele migra rio abaixo, a oeste. Vaga errante e sozinho, exilado do seu próprio mundo. Não sabe aonde vai. Assusta-o a perspectiva das cidades: os homens e as suas máquinas, fábricas, prédios e automóveis. Às vezes ele para – saudades de sua casa – e olha para trás como para o fim do mundo. Já chegou a uma parte da floresta onde antes nunca fora, sente-se confuso fora de seus domínios. Teme cair em alguma armadilha que os caçadores prepararam. Não sabe quando sua peregrinação terá que acabar, mas sabe que este agora é o seu destino: seguir e seguir. Nunca esteve tão sozinho, os deuses todos mortos, as lendas e as profecias já não fazem mais sentido, ele mesmo já não faz mais sentido. O rio está resumido a um filete d'água que corre sobre as pedras. Ele se ajoelha e com as mãos

feito concha sorve um pouco d'água que lhe refrigera o corpo, dando-lhe uma sensação de alívio. Olha para os lados e um estranho verão entristece a paisagem. A tarde declina. Ele caminha em direção à planície que é um vasto campo de arroz, quem olhasse veria qualquer coisa como um espantalho ou um anão perdido no arrozal. Vivera muitos anos para saber que não deve caminhar assim pelo descampado ainda à luz do dia. Apressa-se e entra novamente na floresta. Vai anoitecer. Há uma leve inquietação que cessa assim que o sol escurece. Ele se agasalha junto ao tronco de uma árvore a tempo de ver as primeiras estrelas. Faz-se um completo silêncio, é possível apenas ouvir um som inarticulado que vem do seu peito. Em noites como esta ele costumava sonhar sonhos antigos. Agora vive inquieto, perdera a paz que tinha. Seu coração está pequeno, incomoda-se ao mais leve ruído das frutas que caem sobre as folhas secas no chão (OLIVEIRA, 2015, p. 131).

O conto de Oliveira (2015) caracteriza o Curupira como o imaginário popular o concebe, além disso, fica claro que o Curupira faz parte da floresta de uma maneira orgânica, enraizada, e sua existência sem as matas não faz sentido. A trama carrega em sua narrativa melancolia e saudosismo da encantaria de uma natureza que está desaparecendo e, junto com ela, o Curupira perde sua motivação.

Outrossim, Loureiro (2002) define cultura como reflexo da paisagem, de sorte a ressaltar a sensibilidade do homem da floresta ante a urgência de fenômenos que ganham luz a partir da experiência estética guardada na memória dos povos nativos. Assim, a cultura amazônica, tecida pela paisagem, tem em sua essência símbolos que remetem ao conhecido e aos mistérios escondidos dentro das florestas e rios. Desta forma, o encantamento causado pelos elementos que formam a paisagem amazônica está diretamente ligado à gênese do Curupira. De outro modo, a paisagem amazônica também é formada pela devastação ambiental. Souza (2021) evidencia que o desenvolvimento regional baseado em grandes projetos que aconteceu na região teve como consequência proporcional a degradação em processo acelerado, fenômeno retratado no conto de Oliveira (2015) e na triste trajetória do *Curupira* para tentar superá-lo.

A Guiana francesa, país situado na fronteira do extremo norte do Brasil, atravessa o Rio Oiapoque, no Estado do Amapá, sendo nessa região localizado o Departamento Ultamarinho Francês, rico em diversidade cultural, como zona de trânsito habitada por migrantes guianenses e também por brasileiros.

O panorama do Caribe, e por tabela da Guiana Francesa, é de diversidade étnica, que vai desde as variantes européias-hispânicas, anglo-saxônicas,

francesas, holandesa e portuguesa, aos africanos, indianos, ameríndios, chineses, javaneses, sírios, libaneses, judeus, mestiços e mulatos. Quando afirmamos hoje que a ilha de Caiena se transformou numa verdadeira Babel dos Trópicos Úmidos, temos que levar em consideração seu passado cultural, sua história. Se atualmente vários grupos étnicos se estabeleceram na Guiana não foi por acaso, mas sim pela própria história cultural da região. Além da possibilidade de empregos para milhares de trabalhadores brasileiros, a escolha dessa região foi motivada por outras variáveis culturais: os brasileiros somos alegres como os guianenses, gostamos de dançar, de se enfeitar; de brincar no Carnaval. A Guiana francesa reúne, portanto, uma variedade de etnias em sua formação cultural (PINTO et al., 2019, p. 215).

A região amazônica francesa situada na região representa 1,12% de toda a Amazônia (ARAGÓN, 2018). Apesar da porcentagem aparentemente pequena de sua extensão territorial, no que tange à dimensão espacial da Amazônia guianense, frise-se que sua relevância não está propriamente na representação física e geográfica da região, mas no valor simbólico, no capital cultural ali arraigado.

O folclore da Amazônia guianense, assim como o folclore da Amazônia brasileira, conta com uma narrativa oriunda da tradição oral indígena, africana e europeia, contada através do tempo pelos “velhos” das suas terras. Michel Lohier (1891-1973) foi um contista, professor e jornalista que, segundo Simone Marie Raad (2017), narrou em suas obras contos e lendas da Guiana Francesa levando em conta a sua história com um toque do fantástico. A autora afirma que, algumas vezes, a ficção das narrativas se mistura com a realidade da vida cotidiana.

En ce sens, lorsque nous nous retrouvons devant un phénomène incompréhensible, nous pouvons envisager deux solutions. Soit nous donnons une explication rationnelle à ce qui nous semble étranger, soit nous acceptons que ce qui est devant nous est abracadabrant et donc que c’est bien la résultante d’une manifestation surnaturelle. Dans ce cas, l’incompréhensible devient possible et est accepté (RAAD, 2017, p. 180)².

Raad (2017) explica então que a ficção, o fantástico e o real andam lado a lado na literatura de tradição oral guianense. Lohier (1980) narra no conto

² “Quando nos encontramos diante de um fenômeno incompreensível, podemos considerar duas soluções. Ou damos uma explicação racional ao que nos parece estranho, ou aceitamos que o que está diante de nós é absurdo e, portanto, é de fato o resultado de uma manifestação sobrenatural. Nesse caso, o incompreensível se torna possível e é aceito” (RAAD, 2017, p. 180, *tradução nossa*).

intitulado *Kouyouri*³, um momento histórico importante do imaginário guianense misturando realidade e fantasia e tem entre seus protagonistas um personagem folclórico, o Maskilili.

O Maskilili é representado como uma criatura pequena, um monstinho que gosta de sair à noite para atormentar quem ele encontra pelo caminho. Segundo Barrat (s/d), o Maskilili solta um grito bem particular que pode ser ouvido no interior da floresta por aqueles que se aventuram por lá e é mais fácil encontrá-lo próximo ao período de carnaval. Uma de suas principais características físicas são os pés virados para trás.

Barrat (s/d) afirma que apesar do Maskilili ser um demônio, ele não é um demônio totalmente mal, ele é responsável por desaparecimentos e encantamentos, mas ele também é capaz de ajudar pessoas perdidas ou em outras situações de perigo ou infortúnio. Esse autor explica que, na Guiana francesa, acredita-se que o Maskilili surgiu para os primeiros habitantes da região pela proximidade com as florestas e suas aparições também estão relacionadas aos garimpeiros. Jérôme Guespin (s/d), narra uma das aventuras do Maskilili,

Il a entendu les cris dans le village, et vu, du haut d'un grand mahot, le groupe d'hommes partir à sa poursuite. Un troisième enfant a disparu, et les villageois l'accusent. Il va donc falloir que recommencent la fuite et l'errance. Il ramasse son long bâton, son seul bagage, et s'enfonce dans la forêt, en courant aussi vite que ses pieds tordus le lui permettent. Du plus loin que sa mémoire remonte, Maskilili a toujours été le souffre-douleur. D'abord celui dont tout le monde se moquait, à cause de ses pieds tordus, puis les accusations dès que quelque chose n'allait pas au village, un poulet disparu, une casserole manquante, enfin les maladies des enfants, et tous les malheurs, petits et grands. Sa mère a été assassinée en le défendant et il a dû fuir en forêt. Depuis, il hait les hommes, ils sont mauvais. (...) Ce n'est pas lui ! Il a vu les voleurs porter l'enfant sur leur embarcation et disparaître, après avoir pris soin de marcher à l'envers pour lui faire porter le chapeau. Mais lui ne fait pas cela ! Il ne s'est jamais attaqué aux enfants. Un vieux fond d'espoir le pousse à croire qu'il en rencontrera un, un jour, qui le comprendra et rachètera par son amitié toutes ces années de traque, d'incompréhension et de haine. Les adultes en revanche sont une cible qu'il recherche. (...) Sa fuite l'a conduit dans une zone marécageuse. Sa progression d'homme cassé, tordu, s'adapte aisément à ce milieu hostile, et il sait que ses poursuivants, lourdement équipés, y passeront des heures. Il se faufile, souple et coulant, presque sans déplacer les branches. Il atteint bientôt la rivière. La fraîcheur de l'eau lui fait du bien, apaise le feu de son corps. Il ferme les yeux. Ses

³ "Neste conto, um herói indígena se ventura pelas matas da Amazônia para conseguir casar com uma rainha de uma vila habitada apenas por mulheres" (RAAD, 2017, p. 188).

yeux inquiétants d'animal traqué, terrorisé, détesté. La Courouaï s'élargit. Il aperçoit un canal envasé qui se perd dans une zone de repousse, bambous, bois canons, mais aussi les yayamadous, moutouchis, cacao rivière à la croissance rapide. Une ancienne zone habitée. Il s'approche prudemment, sous une nuée de moustiques. Un chemin effacé débouche sur une première ruine. C'est un village abandonné de longue date, les soubassements des maisons en briques l'attestent. (...) Maskilili sent que sa course a trouvé son terme. Il fera de Guisanbourg son ultime résidence. Et si des hommes l'y retrouvent, il vendra chèrement sa peau, mais mourra serein dans cet écrin à sa mesure GUESPIN, s/d)⁴.

O texto de Guespin (s/d) coloca o Maskilili como vítima de uma injustiça, sendo julgado por sua fama de malfeitor e fugindo pelas matas da Guiana Francesa. Durante o percurso ele se depara com rios e nascentes da região e termina sua fuga para fixar morada em um vilarejo chamado Guisanbourg que, segundo Marie-José Jolivet (1937-2020), foi um pequeno vilarejo tradicional agrícola do final do séc. XX rodeado de garimpos, cujos moradores aos poucos substituíram o trabalho com a agricultura pela mineração. A autora afirma que a Guiana Francesa teve como base social e econômica a escravidão, a agricultura e

⁴ "Ele ouviu os gritos na aldeia e viu, do alto de um grande mahot, o grupo de homens ir atrás dele. Uma terceira criança desapareceu e os aldeões o culpam. Será, portanto, necessário que o voo e a errância recomecem. Ele pega sua longa bengala, sua única bagagem, e se dirige para a floresta, correndo o mais rápido que seus pés torcidos permitem. Até onde sua memória vai, Maskilili sempre foi o bode expiatório. Primeiro aquele de quem todos riam, por causa de seus pés tortos, depois as acusações assim que algo estava errado na aldeia, uma galinha desaparecida, uma panela desaparecida, finalmente as doenças das crianças, e todas as desgraças, jovens e velhos. Sua mãe foi assassinada defendendo-o e ele teve que fugir para a floresta. Desde então, ele odeia os homens, eles são ruins. (...) Não foi ele! Ele viu os ladrões carregarem a criança em seu barco e desaparecerem, depois de tomarem o cuidado de andar de trás para frente pra culpá-lo. Mas ele não faz isso! Ele nunca atacou crianças. Um velho fundo de esperança o leva a acreditar que encontrará alguém, um dia, que o entenderá e redimirá por meio de sua amizade todos esses anos de rastreamento, incompreensão e ódio. Os adultos, por outro lado, são o alvo que ele procura. (...) Sua fuga o levou a uma área pantanosa. Seu progresso como um homem quebrado e retorcido se adapta facilmente a esse ambiente hostil, e ele sabe que seus perseguidores, fortemente equipados, passarão horas lá. Tece seu caminho, flexível e fluente, quase sem mover os galhos. Ele logo chega ao rio. A frescura da água faz-lhe bem, acalma o fogo do seu corpo. Ele fecha os olhos. Seus olhos preocupados de um animal caçado, aterrorizado e odiado. O Courouaï está em expansão. Ele vê um canal assoreado que se perde em uma zona de rebrota, bambus, canhões de madeira, mas também o yayamadous, moutouchis, rio cacau com crescimento rápido. Uma antiga área habitada. Ele se aproxima cautelosamente, sob um enxame de mosquitos. Um caminho limpo leva a uma primeira ruína. É uma aldeia há muito abandonada, atestam-no os alicerces das casas de tijolo. (...) Maskilili sente que sua corrida chegou ao fim. Ele fará de Guisanbourg sua residência final. E se os homens o encontrarem lá, ele venderá sua pele caro, mas morrerá sereno neste cenário feito para ele" (GUESPIN, s/d, *tradução nossa*).

a garimpagem. Souza (2021) analisa que antes da chegada dos “colonizadores”, a região amazônica registrou a presença de povos coletores, que, após transição histórica, tornaram-se horticultores organizados em uma sociedade hierarquizada com base econômica agrícola profundamente vinculada ao cultivo de tubérculos, chamada por Souza (2021) de “cultura da floresta tropical”.

A agricultura faz parte da paisagem amazônica e conseqüentemente, do seu imaginário, assim como a mineração que dominou a imaginação dos primeiros europeus em busca de tesouros perdidos principalmente ouro. Segundo Souza (2021), a crença em mitos dourados é um fenômeno característico da fronteira, e a fronteira sendo um lugar violento, muitos morreram e causaram destruição. Dessa forma, entende-se que a aparição do Maskilili está ligada aos garimpos, à natureza e à atmosfera de desesperança e aceitação de seu fadário convém com o destino do vilarejo, sua residência final.

As narrativas de Oliveira (2015) e de Guespin (s/d) narram aventuras dos personagens folclóricos a partir da construção cultural e descrição paisagística de seus territórios. Sendo assim, as aventuras do Curupira e do Maskilili nos contos citados se mesclam com o destino das localidades em que aparecem, assim como suas características de personificação se entrelaçam com a floresta e ambientes em que surgem.

Na obra *Cultura Amazônica*, Loureiro (2015) estabelece como uma das categorias que identifica a obra ficcional da cultura amazônica o conceito de *Sfumato*. Esse termo expressaria, nas palavras do escritor e professor paraense, a ideia de fusão de elementos que formam a cultura amazônica, em especial, a Amazônia brasileira. A paisagem e a natureza, o sensível e o físico entrelaçam-se tal qual a fumaça, para dar passagem ao poético. Nesse sentido, Loureiro (2015) define que,

O *sfumato* (esfumado) é a fusão dos personagens do quadro com a natureza, resultando em algo que confere uma unidade profunda ao trabalho e uma relação de empatia entre a natureza humana e a natureza cósmica. O *sfumato*, além de ser um recurso de grande beleza pictórica, provoca uma vibração emotiva que instaura uma atmosfera propícia ao poético. É uma espécie de passagem do mundo físico para o imaginário; transição fenomênica do real para o poético, por meio do espaço *sfumato* que se abre ao imaginário, que se ocupa de preenchê-lo. Uma espécie de ponte imaginal para a fusão de todos os fenômenos particulares do mundo concreto, em representações que sintetizam e absorvem a infinita variedade de imagens da natureza. Síntese de luz e sombra que envolve a

realidade, o *sfumato* é uma ponte que permite a passagem para o lugar da dimensão poética (LOUREIRO, 2015, p. 59).

Isto posto, cabe realizar a aproximação do conceito de *Sfumato* para entender a relação dos personagens com o ambiente nas narrativas supramencionadas à medida que os acontecimentos se transformam em algo mais subjetivo. Em certo momento, em meio aos devaneios dos personagens, fica implícito nas narrativas que os personagens e o ambiente terão o mesmo destino, o Curupira, inquieto e com o coração pequeno assim como a natureza, seu habitat, que aos poucos desaparece, e o Maskilili, perseguido pelos homens, faz de um vilarejo destinado ao esquecimento, em decorrência da exploração causada pelos garimpos, sua última morada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo voga os aspectos aqui elencados, compreende-se que a formação cultural da região amazônica foi construída mediante investimento no imaginário radicado na memória afetiva dos habitantes da região transfronteiriça, em incursão que ressignifica signos de identidade resultantes do contato histórico de culturas distintas em sua natureza linguística. Assim, as lendas interpretadas confirmam a presença de hibridismo, de modo que os personagens folclóricos Curupira, do Brasil, e Maskilili, da Guiana Francesa, expressam características semelhantes, cuja representação da aparência física, com destaque para os pés virados dos personagens ora mimetizam o espírito protetores, ora a figuração de demônios.

Dessa forma, expõe-se que a interpretação das lendas da região amazônica transfronteiriça antecipa características *sine qua non* de uma híbrida tradição cultural radcada à luz dos elementos dos povos da floresta, sendo esses responsáveis por dividirem com leitor a valiosa contribuição fabulativa da literatura oral, marcada por encantarias e seres fantásticos que fazem parte das narrativas de um povo que preserva sua história contando e recontando aventuras e feitos que transladam e formulam sentidos no limite entre o real e o imaginário, o Brasil e a Guiana Francesa. As distâncias físicas e/ou linguística são superadas em face de combinações que aliam a força da paisagem à potência mítica da (his)estória reiventada.

Esta pesquisa permite ao leitor que a ela se atém, uma imersão no universo do entre-lugar, da fantasia entrecortada por fragmentos lendários que se colocam no meio do caminho onde vive o imaginário amazônico. Há que se destacar, contudo, a postura ética com a qual ambas as lendas assinalam a devastação da floresta amazônica e de parte de seus recursos naturais.

Os personagens de o Curupira e de Maskilili habitam terras exploradas pelo homem, cuja ambição desenfreada, a exemplo da prática do cotidiano, parece fornecer o vaticínio da destruição. Historicamente, a região amazônica resiste à cobiça humana. Nesse sentido, por intermédio da ficção, a narrativa encontra lugar a fim de consolidar matizes ancestrais *in continuum* trânsito entre o passado e o presente, o oral e o escrito.

REFERÊNCIAS

ARAGÓN, Luiz Eduardo. A dimensão internacional da Amazônia: um aporte para sua interpretação. **Revista Nera**, v. 21, n. 42, p. 14-33, 2018. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/download/5676/4254>. Acesso em: 26 de fev. 2022.

BARRAT, Marc. **Le Maskilili**. Disponível em: <http://www.dramatic.ch/maskilili-p617.html>. Acesso em: 01 fev. 2022.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. 3. ed. São Paulo: Global, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.

GUESPIN, Jérôme. **Maskilili**. Disponível em: <https://www.une-saison-en-guyane.com/article/contes/contes-maskilili/>. Acesso em: 01 fev. 2022.

JOLIVET, Marie-José. Une approche sociologique de la guyane française: crise et niveau d'unité de la société créole. **Cahier ORSTOM**, v. 8, n. 3, p. 271-294, 1971. Disponível em: https://horizon.documentation.ird.fr/exl-doc/pleins_textes/pleins_textes_4/sci_hum/01272.pdf. Acesso em: 26 fev. 2022.

LOHIER, Michel. **Légendes et contes folkloriques de Guyane**. Paris: Éditions Caribéennes, 1980.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 5. ed. Manaus: Valer, 2015.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Elementos da estética**. Belém: UFPA, 2002.

OLIVEIRA, Inácio de. A fuga do Curupira. In: COELHO, Maurício. (Org). Seres Amazônicos. 2015. **E-book Kindle**. Disponível em: <https://www.amazon.com.br>. Acesso em: 26 fev. 2022.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Prefácio. In: OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte. (Orgs). **Estudos linguísticos na Amazônia**. Campinas: Pontes Editora, 2019, p. 9-12.

PINTO, Manoel de Jesus de Souza; SANTOS, Jeferson Caldas dos; BRITO, Raimundo de Lima. Guiana Francesa: história, fraturas étnicas e processos migratórios. **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 14, p. 204-218, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/download/1433/1184>. Acesso em: 26 fev. 2022.

RAAD, Marie-Simone. Entre fantastique et réalité: l'Histoire guyanaise selon Michel Lohier à travers ses Légendes et Contes folkloriques de Guyane. **Les Cahiers du GRELCEF**, n. 9, p. 179-192, 2017. Disponível em: https://www.uwo.ca/french/grelcef/2017/cqrelcef_09_text12_raad.pdf. Acesso em: 26 fev. 2022.

RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. O português brasileiro falado por franceses em Oiapoque: considerações sobre a concordância nominal de número. In: OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte. (Orgs). **Estudos linguísticos na Amazônia**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 17-36.

SILVA, Glauber Roming da; SANTOS, Gélsama Mara Ferreira dos. O Kheuól do Uaçá: perspectivas em pesquisa. In: OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte. (Orgs.). **Estudos linguísticos na Amazônia**. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 63-78.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2021.

THIÉL, Janice Cristine. **Pele silenciosa, pele sonora**: a literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Sobre os autores

Thiago Azevedo Sá de Oliveira

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA.

Contato: prof.thiagoazevedo@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5962-6986>

Carine Silva dos Santos

Graduação em Licenciatura em Letras pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

Contato: carineds@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1069-5702>

Sandro Figueiredo Borges

Graduação em Licenciatura em Letras pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá – IESAP.

Contato: titi.sandro@hotmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0533-8903>

Artigo recebido em: 04 de março de 2022.

Artigo aceito em: 13 de abril de 2022.